

(re)inventar-se professor no olho do furacão

Jean Carlos Gonçalves¹Maria de Fátima Gomes da Silva²

*desejou mais que tudo um dia poder voltar
voltar sozinha inteira caminhando num fim de noite qualquer
voando quem sabe como uma borboleta noturna
como um barco uma folha nas ventanias de agosto
quanto mais a velhice chegava mais ela se recordava
muito devagar seus quadros foram vendo surgir formas ainda muito imprecisas
formas diluídas num crepúsculo chuvoso
ou nas primeiras luzes de um amanhecer invernal
traços que deveriam mais que ser vistos
olhados com olhos que não tinham ainda consistência
olhos que começariam de fato a existir
ao olhar as marcas que ela ia espalhando no quarto e a toda volta
olhos sem pupilas olhos sem fundo de olho
sem marcas de imensidão sem soluções nem poentes³*

O campo da formação de professores é, assumidamente, espaço de diferentes perspectivas. Basta uma consulta pelos termos aproximados “formação de professor”, “formação docente”, “processos formativos do professor”, “professor em formação” e outros semelhantes, para que se chegue, rapidamente, à conclusão de que é impossível vislumbrar um tipo, uma maneira ou uma corrente teórica capaz de responsabilizar-se sozinha por tão imensa gama de possibilidades e diversidades no que se refere ao tema em questão.

A pergunta que queremos retomar é: porque a formação de professores ainda é investigada por cientistas da educação, em um momento no qual a vida professoral é tão massacrada pela mídia, pelos discursos de ódio que assolam os quatro cantos do país e por nós mesmos, professores, que já não conseguimos mais nos render ao sonho (mesmo que utópico) de ter uma profissão respeitada e valorizada?

O professor queniano Peter Tabichi ganhou, em 2019, durante o Global Education and Skills Forum, realizado em Dubai, nos Emirados Árabes, o Global Teacher Prize, maior premiação da área de educação no mundo, por seu trabalho em uma região remota do Quênia, ensinando ciências para alunos que vivem em condições extremamente precárias de diversas regiões e etnias. A manchete veiculada nas notícias encontradas em redes sociais e outros formatos de divulgação destacou, no entanto, não a prática docente e o mérito real do

1 Universidade Federal do Paraná

2 Universidade de Pernambuco

3 AVEZEDO, Sônia Machado. Odete inventa o mar. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.74

prêmio, mas o fato de o professor doar oitenta por cento do seu salário para famílias mais pobres, reforçando o imaginário construído sobre a docência de que ela se configura enquanto missão, que repousa sobre o professor a tarefa de “salvar a pátria”.

Somente os leitores que acessaram as notícias na íntegra, ou seja, leram os textos completos das reportagens e não a sua rasa e equivocada manchete, puderam constatar que os alunos de Peter Tabichi criaram um dispositivo que auxilia pessoas cegas e surdas a medirem objetos, e foram classificados para uma importante feira internacional de ciências e engenharia. Em outra experiência, os alunos conseguiram usar uma planta para gerar eletricidade, o que os levou a conquistar o prêmio de Química da Royal Society of Chemistry. Infelizmente, pouquíssimas pessoas sabem disso, porque a impressão que se tem é a de que o professor, ao doar parte do seu salário para os que têm condições menos favoráveis de existência, torna-se merecedor de um “Oscar”.

O discurso que relaciona o professor ao herói ganha força, especialmente, em tragédias ocorridas em escolas e outros ambientes educacionais, nas quais o docente salva, literalmente, os seus alunos, quando se arrisca para livrá-los de tiros, bombas, incêndios, enchentes. Nesses momentos, a figura do professor ganha protagonismo e centralidade de forma que sua ação seja vista sempre como inquestionável e louvável.

A pergunta que se lança de forma urgente, então, é: em que ocasiões o professor será reconhecido por seu trabalho docente, por sua formação, e não apenas por seus atos heroicos? Mesmo que pareça terrivelmente cruel relacionar tragédias ao protagonismo docente, é inevitável que um produto científico que se propõe a investigar a Formação de Professores por diferentes perspectivas, caso deste dossiê, levante-se em defesa da voz do professor e da professora que precisam, atualmente, ouvir absurdos como: “Professor é doutrinador” ou “Filmem seus professores”.

O professor está, hoje, mais do que nunca, no olho do furacão.

Os espaços de formação docente ganham, também, uma reconfiguração subjetiva em tempos em que é preciso viver “(re)inventando mares de vida em abismos de morte”⁴. Encontrar forças para formar e para permitir-se ser formado é, portanto, um ato de resistência. Aos leitores de primeira viagem, avisamos que o professor está em constante processo de formação, daí a necessidade de olhar para os espaços formativos sob a égide da investigação científica, da pesquisa em educação. Resta-nos saber como continuar pesquisando, porém, se o discurso (agora, também, o dito oficial) rebaixa a imagem do professor ao *status* de baderneiro e militante, reduzindo-o a figura de mensageiro ideológico e desvinculando-o cada vez mais do universo da ciência.

O furacão (aqui metaforizado), desse modo, impulsiona uma massa popular, aprisionada em sua própria alienação, a crer que o professor é o grande inimigo da liberdade política e, cabe dizer, religiosa... A confusão em meio à névoa faz com que repouse sobre a profissão docente certa desconfiança, olhares de suspeita, como se a força que possui o professor pudesse agora ser vista por lentes de aumento, o que acarretaria à *nação*⁵ perigos irremediáveis. Medo de quê?

Medo da voz, talvez. A voz do professor, que grita por direitos em meio a balas de borracha, e sai ferido, ensanguentado, no pátio em frente à uma organização governamental, é uma voz poderosa. O milagre da profissão esconde-se na voz do professor. É por isso que formar professores é tarefa intelectual e física, mais adequada da garra e da insistência do que da sedução de “pendurar as chuteiras”. Enquanto houver interesse

4 Referência ao texto homônimo, que abre o Volume 1 deste Dossiê, publicado no v. 23, n. 2, desta revista, em 2018.

5 Utilizamos o modo Itálico para destacar o fato de que a palavra *nação* tem ganhado, atualmente, sentidos diversos, alguns deles com os quais não temos afinidade.

pela formação de professores (e suas diferentes perspectivas), haverá gente querendo se aventurar no trabalho docente, o que configura um ciclo em expansão, que não cessa, não se permite parar.

Já que não paramos, é preciso que nos reinventemos...

Novos tempos pedem outros formatos, outros materiais, outros modos de vivenciar os contextos educacionais. Como no teatro, onde o ator precisa estar pronto ao improviso (porque ele pode surgir de qualquer situação), na sua vida docente, o professor precisa estar “atento e forte”. Nas entrelinhas da malha discursiva, ancoram-se jogos de persuasão e de vigilância – sim, o professor está sempre sob os olhos de alguém. O professor é avaliado constantemente pelo sistema, pela comunidade que o cerca, pelos alunos, pelos pais de alunos, e tem, ainda, que se adequar a todos os tipos de regulamentação institucional. Ser herói parece difícil, não?

Esse texto-prelúdio não pretende, no entanto, apontar os caminhos para a sobrevivência do professor (e de sua formação) no presente cronotopo.

Pausa em meio ao furacão.

Então a dor que sentia tornou-se quase insuportável

Desejou acordar desejou morrer

Desejou ser um poste uma pedra

um pedaço de galho partido que o mar jogou hoje mesmo na praia

quis ser um barco afundado

um resto de nuvem que se deixara ficar no céu

enquanto as outras todas haviam chovido sido tempestade

virado água das sarjetas água correndo célere pelas torneiras das casas

como a sua nunca isso fantasma esguio

vulto do que já de há muito se passara a ser vão

deserto

aridez⁶

Árida vida docente. Para (re)inventar-se no olho do furacão, talvez possa o professor acessar vestígios da sua memória, da origem do seu desejo de ser professor, o que também o leva aos primórdios de sua escolha pelo ofício.

Ofício que pode passar por fases distintas e por *modus operandi* tão diversos que não ousaríamos enumerá-los neste ensaio. Interessa-nos, no entanto, com esse texto, provocar o leitor para que se questione sobre suas motivações, suas vontades e sua relação com a sua própria formação. Somos docentes em estado de movimento. Nossa roda gigante tem pequenas paradas, mas não saímos dela e a abandonamos, porque queremos estar novamente lá em cima. O “friozinho na barriga” apresenta-se como sensação sem a qual não conseguimos sobreviver. Ele nos motiva, então, a buscar, na ciência, no universo da pesquisa, artefatos que possam nos fazer reconfigurar nossas

6 AVEZEDO, Sônia Machado. Odete inventa o mar. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.63.

práticas e nossos modos peculiares de exercermos a docência. Ao exercê-la, ensinamos, também, modos de ser professor aos que estão iniciando a caminhada. Por isso, embora árida, a vida docente não nos desencanta. Com ela seguimos em resistência e luta. Luta esta que sobe no pódio da democracia e a defende com unhas e dentes.

Aliás, não existe formação de professores sem luta.

Não faz sentido formar ou formarmos professores para um ofício vazio, que não nos desestabilize, que não nos faça rever nossos próprios horizontes.

O texto *Odete inventa o mar*, de Sônia Azevedo, que acompanha este pequeno esboço sobre formação de professores e suas diferentes perspectivas, aborda de forma poética e sensível, a arte da (re)invenção – de si, do mundo, das coisas. Não por acaso, escolhemos esta obra para dialogar com nossas afirmações, nem sempre harmoniosas, a respeito do tema. Esperamos que a presente publicação possa gerar férteis proposições e ações, por meio dos textos dos autores que aqui se aventuram e se revelam.

Buscamos sinalizar, ainda, a urgência do conjunto de temas abarcados pelas produções intelectuais que integram este dossiê, apontando para a localização temporal da publicação dos seus dois volumes, que tem uma relevância visível e não deve ser menosprezada: 2018 e 2019 (anos memoráveis para a política brasileira e suas reverberações subjetivas).

Lembramos que os dois volumes desse dossiê só se tornaram possíveis graças ao acolhimento da Revista Educação, Ciência e Cultura, da Universidade La Salle, a um projeto iniciado em 2017, durante a 38ª Reunião Nacional da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), realizada em São Luís, Maranhão. Na ocasião, em uma visita ao município de São José do Ribamar, um conjunto de docentes de diferentes universidades brasileiras, coordenadores de Programas de Pós-Graduação da área de Educação e integrantes do FORPRED (Fórum Nacional de Coordenadores de Pós-Graduação em Educação da ANPED) decidiu se organizar em torno de uma publicação científica que pudesse discutir, mais do que um tema emergente, a pluralidade de entendimento do que se compreende por formação de professores na contemporaneidade.

*é bonito aqui de repente ela disse
disse isso e se calou olhando as folhas secas em que seus pés esguios pisavam depois
olhou as próprias mãos começando a envelhecer pousadas no avental branco
um pouco além os muros acima deles o céu
é bonito aqui⁷*

7 AVEZEDO, Sônia Machado. *Odete inventa o mar*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.71.